

O MARGINAL E O JUIZ

EDSON CARVALHO VIDIGAL

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça
Professor de direito na Universidade de Brasília (UnB).*

Um juiz não deve polemizar; tampouco descer para trocar-se com jurisdicionado. Não significa que não tenha que reagir firme a todo tipo de intimidação, preservando sua dignidade, pressuposto indispensável à eficácia de seus julgados. A força de um juiz é a sua moral; desmoralizado não consegue impor a ninguém a vontade da lei.

Ultimamente, uns pregadores de uma moralidade que não praticam, em nome até de bons costumes com os quais não se acostumam, têm reclamado contra o Judiciário no país. Não criticam o sistema que, francamente, carece reformas; avançam coléricos como se quisessem morder os juízes.

Fingem não saber — ou são mesmo ignorantes e não sabem — que é do espírito público dos nossos ajuízes, obrigados a votos de silêncio e pobreza, que vem a força contra os que, como eles, insistindo em fazer da lei seu tacape, se julgam mais poderosos que o desombestamento das humilhações coletivas, que eles subestimam e que está vindo aí, incontrolável.

Quando o seu cúmplice é réu querem a demora com o processo, a procrastinação para a impunidade. Se o réu é outro, um desafeto ou um estranho, tem que ser tudo ligeiro, sem considerações inclusive com o direito à ampla defesa. Contrariados, insultam e ameaçam, tentando expor o juiz injuriosamente ao descrédito da sociedade.

Um juiz não pode se deixar intimidar; não tem que pagar taxa de proteção. Quem não deve não teme. As garantias constitucionais da

magistratura são antes de tudo garantias da sociedade que paga a conta e que não pode ficar à mercê de juizes acuados pela chantagem, imobilizados pelo medo.

A sociedade sabe que fomos nós, os juizes, que acabamos com a violência do bloqueio dos cruzados; que garantimos para os aposentados os 147% que a Previdência lhes negava; que abrindo contas suspeitas estancamos, em tempo, as hemorragias da corrupção aboletada.

Somos nós, os juizes, que garantimos a liberdade de imprensa; podemos interditar os incapazes e os loucos de todo gênero, condenamos sonegadores, fazemos valer o direito de propriedade, absolvemos inocentes, reparamos honras feridas, asseguramos dia e noite a igualdade de todos perante a lei; enfim, garantimos as liberdades públicas, os direitos individuais e coletivos.

Por nossa vontade também os criminosos graúdos, desses que se julgam tão poderosos a ponto de intimidarem até juizes, já estariam sentenciados. Bem protegidos pelas conexões da engrenagem dominante, conseguem escapar; e a polícia não consegue alcançá-los.

A luta por um Judiciário forte, efetivamente independente, capaz de manter seus juizes a salvo de investidas meliantes como as que temos vez por outra, há que ser de toda sociedade. Juiz enfraquecido é Judiciário fraco que se traduz em sujeição da lei a caprichos marginais. É uma covardia, é injusto que jurisdicionados, alguns até criminosos em potencial, tenham espaços na imprensa para, difundindo apenas a sua versão, insultar juizes que, por força da lei, em razão da dignidade do cargo, tenham que guardar silêncio para não terem que, descendo, polemizar.

Agora, lembrando a tentativa de assalto que sofremos, minha mulher e eu, numa noite, no Rio de Janeiro, peço vênias para dizer que nem diante dos marginais assumidos ou anônimos devemos nos intimidar.

Caminhávamos calmamente pelo calçadão, estrelas no céu, vento de mar soprando, de repente a armadilha. Olhei tudo em volta, não arredamos do lugar. O assalto ia se consumir adiante, onde dois sujeitos já nos esperavam. O que nos seguia a pouca distância, ordenou; "Vá andando, seu..." Calmo, firme, dedo no gatilho, não obedeci.

"Já não falei para ir andando?", insistiu, não sabendo, evidentemente, que dava ordem a um juiz. Carreguei no sotaque nordestino falando alto alguma coisa de que não me lembro. O marginal apelou: "Sabe com que está falando?" Eu, o juiz; ele, o marginal. Não houve o assalto, bem melhor. "Sabe com quem está falando?". Gargalhei em silêncio; a arrogância dele fazia cócegas na minha paz.